

CARTA À SOCIEDADE GAUCHA – 25 de março de 2020, atualizado em
28 e 29 de Março de 2020.

O Comitê científico de apoio ao enfrentamento à Pandemia COVID-19, formado por pesquisadores das universidades gaúchas e autoridades científicas por solicitação do governo do Estado, vem acompanhando atentamente os dados relativos às confirmações de casos no RS, no Brasil e no mundo.

Trata-se de uma crise de proporções catastróficas, segundo a Organização Mundial de Saúde. No dia 28 de março, estão contabilizados mais de 650.000 casos da doença e 30.000 mortes. No Brasil, já foram confirmados mais de 3.900 casos e 114 óbitos (<https://www.worldometers.info/coronavirus/>) e no Rio Grande do Sul temos duzentos casos confirmados e duas mortes (<http://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>), dados de 28 de março de 2020.

É importante considerar que os números brasileiros estão subestimados pela incapacidade, neste momento, de testarmos todos os casos suspeitos. Alguns modelos estimam que o número real esteja entre 7 a 50 vezes o número de casos confirmados. Por isso, é urgente que sejam conduzidos estudos de base populacional para estimar o percentual de infectados e a velocidade de propagação da infecção no Estado.

Há dificuldades em se estimar a letalidade real da doença sem saber-se o número de contaminados. No entanto, sabemos que a letalidade sobe quando há sobrecarga dos serviços de saúde. São mortes evitáveis, pois não aconteceriam caso houvesse leitos suficientes. Na China, o primeiro país atingido, a letalidade até este momento está em 3,6%, enquanto na Itália já atinge 9,8%, ressaltando-se que tais estimativas são imprecisas, visto que não é conhecido o número real de infectados. Por outro lado, países com maior número de leitos disponíveis e estratégias precoces de contenção apresentam letalidade muito mais baixa; na Alemanha, a estimativa atual é de 0,4%.

Apesar de termos um quadro preocupante pela frente, podemos aprender com as experiências de outros países. As evidências disponíveis até o momento mostram que o distanciamento físico é uma das principais formas de combate à disseminação do vírus.

Distanciamento significa:

1. Ficar em casa sempre que possível, evitar saídas desnecessárias e aglomerações.
2. Quando for necessário sair de casa, tomar todos os cuidados de higiene recomendados e manter distância mínima de 2 metros das demais pessoas.
3. Lavar as mãos com frequência, com água e sabão, utilizar álcool gel quando não for possível lavar as mãos, cobrir o rosto com o braço ao tossir ou espirrar.
4. Na presença de sintomas, isolamento por 14 dias do caso e dos contatos domiciliares.

Nos países que conseguiram obter melhor controle da epidemia, a participação da população foi fundamental. Por outro lado, países e regiões que demoraram a implementar medidas de controle apresentam um quadro dramático de sobrecarga do sistema de saúde.

Essas medidas são importantes para que se prepare o sistema de saúde, aumentando o número de leitos e adquirindo equipamentos de proteção e respiradores, entre outros. Também é essencial para proteger a vida dos profissionais de saúde, de limpeza, segurança, administrativos e todos aqueles que são essenciais para o atendimento em saúde e para outros serviços que não podem parar.

As medidas são progressivas e dependem da participação efetiva de toda a população. Quanto mais efetiva for a redução da circulação do vírus através do isolamento dos casos identificados, combinada a outras ações como testes em todos os suspeitos e busca ativa de contatos, menos necessária seria a progressão das medidas restritivas.

Do ponto de vista da economia, evitar a sobrecarga do sistema de saúde e diminuir o volume de pessoas infectadas também é essencial. Ainda que tenhamos redução da atividade econômica neste momento de distanciamento, existem medidas cabíveis de alívio destes efeitos negativos, que devem ser conduzidas pelos governos em articulação com a sociedade civil. Conduzir com maior rigor possível a contenção da epidemia é o primeiro passo a ser tomado.

Adicionalmente, é importante que se ganhe tempo para estudar o vírus, permitindo o desenvolvimento de vacinas e protocolos de tratamento eficazes, que já estão em andamento em diversos centros de pesquisa no país. O engajamento da comunidade científica neste momento é intenso, e a solução certamente virá da ciência.

Deve ser referida, ainda, a maior concentração de população acima dos 60 anos no RS em relação à média do Brasil, o que, face às taxas de mortalidade serem mais sensíveis à esta parte da população do RS, pode gerar impactos ainda mais fortes do que a média brasileira.

A Secretaria Estadual da Saúde, a Secretaria de Inovação Ciência e Tecnologia e a FAPERGS, em conjunto com Universidades gaúchas, institutos de pesquisa e hospitais estão empreendendo um esforço intensivo para montar uma rede de laboratórios capacitados para o diagnóstico do vírus. A comunidade científica do RS também está mobilizada na busca de alternativas para produção de insumos, equipamentos de proteção e outros equipamentos, como respiradores. Estas ações nos permitirão mitigar os efeitos do vírus e conduzir da melhor forma esta grave situação.

A situação é dinâmica e deve ser revisada dia a dia, sempre com base nos dados interpretados de forma científica. Este comitê mantém-se atento, com o compromisso de informar a sociedade gaúcha com base nesses estudos.

Com a disponibilidade de mais testes e avanço nas condições de preparo do sistema de saúde, poderão ser revisadas e implementadas novas medidas a serem adotadas, com base no acompanhamento do cenário epidemiológico.

Em 25 de março de 2020, atualizada em 28/03/2020 e 29/03/2020.